



territorium • 26(II)

REVISTA INTERNACIONAL DE RISCOS | INTERNATIONAL JOURNAL OF RISKS

INCÊNDIOS FLORESTAIS NO RESCALDO DE 2017

Imprensa da Universidade de Coimbra
Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança

2019



RISCOS



O FOGO NÃO RESPEITA NINGUÉM*

FIRE DOES NOT RESPECT ANYONE

107

José António da Piedade Laranjeira

Ex- Presidente do Serviço Nacional de Bombeiros

Ex-Comandante de Bombeiros Voluntários (Portugal)

japlaranja@netvisao.pt

RESUMO

Depois dos traumáticos incêndios florestais de 2017, o autor relata neste texto algumas das suas vivências do presente, no que aos bombeiros e ao fogo na floresta diz respeito, estabelecendo a sua ligação com um pouco de história, que o conduzem a vivências do passado e o transportam para considerandos relacionados com presumíveis vivências do futuro, relacionadas com quatro áreas de prevenção: estruturas, formação, vigilância e informação.

Palavras-chave: Incêndios florestais, bombeiros, prevenção, formação, informação.

ABSTRACT

After the traumatic forest fires of 2017, the author recounts some of his experiences of the present, regarding firefighters and fire in woodlands, linking them with a bit of history, which leads him to past experiences and takes him to recitals related to presumed future experiences related to four prevention areas: structures, training, surveillance and information.

Keywords: Forest fires, firefighters, prevention, training, information.

* O texto desta nota foi submetida em 27-09-2018, sujeito a revisão por pares a 07-10-2018 e aceite para publicação em 09-10-2018.

Esta nota é parte integrante da Revista *Territorium*, n.º 26 (II), 2019, © Riscos, ISSN: 0872-8941.

Introdução

Ao redigir este texto, coloquei em destaque a ideia da “*redução do número de ignições*”, como base, no tempo que vivemos, da possibilidade prática e imediata de defesa da floresta, uma luta que desenvolvo há anos, sem grande êxito, e dei comigo a voar por vários aspectos relacionados com os Fogos Florestais e com os de Bombeiro, que fui.

Este trabalho também teve presente uma resposta, dada por uma Senhora, já idosa, que à pergunta de um jornalista sobre o que pensava relativamente ao fogo que lhe destruíra a casa, comentou com humildade: *Meu Senhor, o fogo não respeita ninguém...*

Porque há muitos anos tenho comigo esta apreciação do fogo, que obriga a estar em permanente Prevenção, base para se ter êxito no Combate, coloquei-a em título.

Vivências do presente

No rescaldo dos fogos

Ao ligar a televisão começaram a cair imagens que me deixaram suspenso: As chamas corriam pela cúpula das árvores e dobravam-se em ângulos próximos do chão ou em línguas verticais que traziam consigo efeitos de tornado.

As faúlhas e as projeções dançavam na frente do fogo e iam cair e originar novas ignições, a centos de metros adiante, como alertando para a força destruidora que aí vinha e que caminhava a passo acelerado.

O fogo não evitava o quer que fosse e em breve casas de habitação, currais, armazéns, fábricas, pomares, vinhas, terras de cultura, jardins, animais eram pasto das chamas e o mesmo acontecendo a milhares de hectares de mata, donde tinha emanado.

Depois, fiquei ainda mais suspenso quando surgiram as imagens de viaturas destruídas e começaram as contagens dos corpos dos seus ocupantes que, numa vivência difícil de prever, se tinham envolvido num caminhar para a morte (66 corpos).

Uma calamidade que não se esperava e que, perante a estupefacção do país, se voltou a repetir quatro meses mais tarde (48 corpos).

Sem surpresa da minha parte, começaram a surgir os comentários de alguns “especialistas” que nunca devem ter visto, sentido ou ouvido, um fogo florestal na sua plenitude, e cuja preocupação era, e é, arranjar um ou uns responsáveis por estas catástrofes, servindo-se da situação para arremessos políticos.

Sei bem que destas situações se devem tirar conclusões, sobre o comportamento das estruturas de coordenação,

de comando (fot. 1), de combate, da rede de transmissões, de viaturas e equipamentos, dos apoios logísticos, etc., mas daí a classificar como arguidos e com possibilidade de serem presentes a tribunal quem, direta ou indiretamente, enfrentou tais ocorrências, vai uma grande distância e tenho dúvidas se haverá alguém que assuma tal responsabilidade, perante as diversas variáveis que, de momento a momento, influenciam o comportamento de um incêndio.



Fot. 1 - Viatura de Comando e Transmissões, em 1991
(Fonte: Boletim/SNB, 1991b, p. 21).

Photo 1 - Command and Transmission Vehicle, 1991
(Source: Boletim/SNB, 1991b, p. 21).

Por outro lado, deve ser destacado o apoio, de diversas origens, emprestado às famílias das vítimas, aos agricultores, aos industriais, aliás a todos os envolvidos nestas tragédias, em particular o apoio psicológico, mas não podendo deixar de sentir que os combatentes do fogo, em particular os Bombeiros, não têm merecido tanta atenção, pois até foi transmitida, para a opinião pública, a ideia duma possível deficiente intervenção resultante de uma falta de formação técnica.

Estou certo que estes Bombeiros não esquecerão o que viveram e o sentimento da dificuldade de enfrentar aqueles tipos de fogo, pois, falo por experiência própria, já que, passados mais de trinta anos, ainda tenho bem presente as mortes de catorze cidadãos, todos Bombeiros de Armamar - a 8 de setembro de 1985 - e as de outros dezasseis - treze Bombeiros, nove de Águeda e quatro de Anadia, e três civis - a 14 de junho de 1986 - não esquecendo alguns mais que o fogo levou e que bem traduz o lema dos Bombeiros “Vida por Vida”.

São situações que nos marcam para toda a vida e merecem respeito.

Prevenção - O Combate antes do Combate

Os comentários e ou pareceres depois dos factos ocorrerem são fáceis de elaborar, mas tem-se esquecido,

pelo menos não vejo pôr em evidência, o extraordinário facto de, por dia e durante vários dias seguidos, se verificarem centenas de ignições que chegaram a atingir o número de quinhentas num só dia. Destas, só algumas se tornam em grandes focos, mas o problema reside na escolha das que possuem maior risco e nelas concentrar o máximo poderio de combate. Um desafio que assusta qualquer especialista, com noção da sua responsabilidade, na tomada da decisão.

Discute-se e tenta-se averiguar a origem das ignições e lá vêm os raios ou coriscos, as avarias de condutores eléctricos ou a sua ação por quedas de árvores sobre os mesmos, as avarias de equipamentos a trabalhar na floresta, mas pouco se fala, nunca percebi porquê, sobre os incendiários, embora todos os anos e cada vez mais, a Guarda Nacional Republicana e a Polícia Judiciária prendam e levem a juízo dezenas deles.

O que se passa? Um silêncio estranho que já me levou a escrever um texto, como carta aberta, dirigida, ao tempo, a S. Ex.^a a Ministra da Administração Interna, que intitulei de “*Há quem não acredite em incendiários... mas que os Há... Há...!*” e foi publicado no jornal Bombeiros de Portugal (Laranjeira, 2016).

São apontadas, como algumas das medidas que deviam ser implementadas, as seguintes:

- O ataque musculado no início das ignições;
- O uso de produtos “retardantes” nas descargas dos aviões;
- O assumir pela Força Aérea a gestão dos meios aéreos, meios do Estado Português.

Não posso deixar de registar algumas notas sobre estes aspectos, manifestamente importantes na área da Prevenção, que vivi intensamente há já trinta anos (Boletim/SNB, 1988, 1990, 1991a e 1991b):

- Para o ataque musculado e com saída ao minuto, foram estabelecidos contratos com empresas de helicópteros que começaram por transportar equipas (brigadas) de cinco Bombeiros, colocados o mais próximo possível do ponto de ignição (fot. 2). Estas equipas chegaram a ser designadas pelo “115 dos Fogos Florestais”. Numa segunda fase, passaram também a fazer ataque direto com a aplicação do balde de água (fot. 3), função que, inicialmente, mereceu dum ex-Comandante, ainda hoje entre nós, o comentário de ... “*o sistema é bom para ... regar jardins*”.
- Como era um novo processo de ajudar a combater o Fogo Florestal, que se vinha juntar aos pequenos aviões já em aplicação (fot. 4), desde logo se lançaram dois cursos de Formação um para “Brigadas Helitransportadas” e outro para “Coordenadores de Meios Aéreos”.



Fot. 2 - Helicóptero a deixar a brigada junto ao incêndio
(Fonte: Boletim/SNB, 1991a, p. 20).

Photo 2 - Helicopter leaving the brigade, close to the fire
(Source: Boletim/SNB, 1991a, p. 20).



Fot. 3 - Lançamento de água com balde de um heli de combate a incêndios (Fonte: Boletim/SNB, 1991b, p. 23).

Photo 3 - A bucket of water released from a firefighting helicopter (Source: Boletim/SNB, 1991b, p. 23).



Fot. 4 - Avião ligeiro lançando água conta as chamas
(Fonte: Boletim/SNB, 1991a, p. 20).

Photo 4 - Light aircraft dropping water on the flames
(Source: Boletim/SNB, 1991a, p. 20).

- c) Estando em utilização em França e Espanha aviões pesados, os “*Canadair*”, com bons resultados, começou o Serviço Nacional de Bombeiros (SNB), a preparar um dossier sobre este avião para a hipótese de aquisição de três destas aeronaves, o que levou o então Ministro da Administração Interna (1983/1985), Eng.º Eduardo Pereira, a providenciar, através dos Serviços de Proteção Civil de Portugal e Espanha, uma demonstração destes aparelhos, o que se veio a verificar com a vinda a Portugal, atuando na serra vizinha de Vila Nova de Poiares, de um desses aviões e duma viatura com equipamento de transmissões terra/ar.

Na continuação destas diligências foram iniciados contactos com a Embaixada do Canadá, através do Adido Comercial, pois previa-se que parte do pagamento fosse feito a nível de trocas comerciais e contava-se também com o apoio da Europa. Tentando que os meios aéreos ficassem sob a responsabilidade da Força Aérea, desloquei-me ao Estado Maior desta Arma, onde reuni com o General Chefe do Estado Maior. A resposta veio mais tarde, por escrito, informando que a Força Aérea não tinha condições para receber uma nova Esquadra.

- d) Pelo exposto verifica-se que faltou força política, o que ainda hoje perdura, para se impor à decisão do Chefe do Estado Maior da Força Aérea, pois, após a aquisição, pelo Estado, das necessárias aeronaves, estas seriam geridas pela Força Aérea. Esta solução evitaria os habituais problemas com a contratação de meios que, por motivo de poucas empresas concorrentes e das suas ações de protesto com a apresentação de recursos, leva a prolongamento no tempo o início da sua utilização, originando ainda, como foi público, o risco de acordo de custos, com manifesto prejuízo nacional.

Devo registar o facto da Força Aérea ter colaborado com o SNB quando, sob a sua gestão, estava a aeronave C-130, que, transformada em bombardeiro de água, atuou durante algumas campanhas com resultados pouco satisfatórios, principalmente quando actuando no Centro e Norte do país.

- e) Os produtos “retardantes” foram utilizados, durante algumas campanhas (Boletim/SNB, 1991a, p- 20), com bons resultados desde que bem coordenados com os meios no terreno, mas a necessidade de encontrar soluções para a preparação das caldas e o custo do produto estiveram na redução da sua aplicação e na sua não utilização.

Vivências no futuro

A Prevenção baseada nas Estruturas

Perante o que se foi vendo e ouvindo é manifesto que os Bombeiros não se sentem bem com a sua dependência

direta da Autoridade Nacional da Proteção Civil (ANPC), onde foram colocados a nível de Diretor de Serviços quando estavam ao nível de Diretor Geral.

Assim sou de opinião que os Bombeiros regressem a uma estrutura semelhante à do ex-Serviço Nacional de Bombeiros (SNB), com as necessárias adaptações que o tempo e o conhecimento impõem, na dependência de S. Ex.^a o Ministro da Administração Interna, com quem despachará, como já foi corrente.

A Autoridade não deve conter na sua estrutura, qualquer dos Agentes da Proteção Civil.

A Autoridade não deve Comandar qualquer deles, mas sim exercer a sua função de coordenação e de apoio logístico, quando a situação do sinistro o exigir, devendo atuar de modo a desenvolver entre os Agentes um relacionamento positivo que crie e mantenha o “Espírito de Corpo”, isto é, “Um por todos, todos por um”.

Não posso deixar de referir que a minha experiência de vida me faz lembrar que o relacionamento entre os Agentes da Proteção Civil, em particular com militares, não é fácil, mas quando bem definido é positivo, o que obriga a prévios entendimentos para esclarecer, quem manda em quem, por exemplo, quando trabalham em conjunto numa frente de fogo.

A Prevenção baseada na Formação

A Formação é a base da melhor ou pior atuação de quem está envolvido num sinistro pois é vulgar dizer-se “*que quem não sabe não salva*”, a que acrescento “*nem a si se salva*”.

No caso dos Fogos Florestais tem sido, em minha opinião, notória a influência da formação na prevenção e segurança pessoais dos combatentes, pois a perda de vidas de Bombeiros tem sido muito menor em relação a valores que já referi, alterando profundamente com os acidentes com não combatentes.

A nível dos Bombeiros considero, como base, que se desenvolva a sua FORMAÇÃO, de modo a que os coloque a par das últimas novidades técnicas, com aulas teóricas e exercícios práticos e se desenvolva o seu relacionamento com outros agentes da Proteção Civil. Aqui a Escola Nacional de Bombeiros (fot. 5), fundada nos anos oitenta do século passado (Anónimo, 1988; Monginho, 1990; Laranjeira, 1999; Lourenço, 2001a e 2001b), terá que continuar a exercer a sua importante função que se pode projetar ao nível geral da Proteção Civil.

A Escola foi um sonho que teve concretização originando delicadas e complexas situações que a persistência e o bom senso levaram de vencida merecendo que se mantenha atuante a bem da Formação.



Fot. 5 - Aspeto do átrio principal da ENB
(Fonte: Boletim/SNB, 1990, p. 3).

Photo 5 - The main ENB atrium
(Source: Boletim/SNB, 1990, p. 3).

A Prevenção baseada na Vigilância

A floresta portuguesa está numa situação delicada e com sérias dificuldades de base, relacionadas com a sua Gestão e Ordenamento, o que, como consequência, resulta ter, no seu seio, elevadas cargas térmicas que facilitam a propagação das pequenas ignições e as transformam em grandes incêndios, como os que atingiram Portugal em 2017 e 2018.

Por muito que se avance na mudança destas situações, demorará anos a alterá-las e não deixará de haver grandes incêndios, pois não haverá estrutura nacional que suporte, durante vários dias seguidos, ignições que chegam atingir duas, três, quatro e, mesmo, mais de cinco centenas por dia.

É do conhecimento público que noventa e oito por cento das ignições resultam do comportamento humano, quer por negligência quer propositadamente.

Perante tal comportamento é preciso reconhecer que não há estruturas de Prevenção e Combate que possam dar a devida resposta em prontidão e eficiência.

Para dar alguma perspetiva na futura defesa da floresta contra incêndios, sou de opinião que, na actual situação, só se conseguirá tal desiderato reduzindo drasticamente o número de ignições por dia.

Tal objectivo exigirá missões como:

- Vigilância Aérea;
- Vigilância por patrulhas da GNR a pé, com viatura ou a cavalo (como já foi feito);
- Vigilância por patrulhas de militares;
- Vigilância por Torres de Vigia ativas e bem apetrechadas;
- Vigilância pelas equipas de Sapadores Florestais que estão sob a gestão das Associações Florestais;

- Vigilância por limitação ou por controlo de pessoas em determinadas zonas;
- Vigilância por equipas de Bombeiros Voluntários;
- Vigilância por equipas de elementos de Associações Cívicas;
- Vigilância e acompanhamento dos fogos controlados necessários á pastorícia, etc., etc....
- Em resumo: vigilância, vigilância e vigilância.

Estas missões exigirão despesas na rúbrica Prevenção, que depois se irão refletir, positivamente, na redução das despesas da rúbrica Combate, para além da redução dos prejuízos na floresta.

A Prevenção baseada na Informação

A Autoridade Nacional de Proteção Civil, entidade que considero com a responsabilidade maior na divulgação das ações de Prevenção, terá de as fazer transmitir pela comunicação social, em especial pela televisão, como aliás se tem feito ultimamente com o anúncio “Aldeia Segura”.

Além disso, deverá formalizar visitas de informação junto das Escolas sobre o tema Medidas de Prevenção, desenvolvendo estas ações em todos os Concelhos do País, através dos Gabinetes de Protecção Civil Municipal.

Conclusão

É possível que quem, vindo que fui Comandante de Bombeiros e tendo vivido de perto muitos incêndios florestais, ponha em destaque a Prevenção, falando no Combate só por arrastamento, ache tal atitude como estranha.

Quando refiro “O Combate antes do Combate” quero pôr em evidência toda a luta que deve ser desenvolvida na Prevenção, pois esta atitude favorece o Combate e permitirá que a sua estrutura consiga prontos e eficientes resultados.

Para além das necessidades estruturais, que não deixarão de existir, estou convicto de que como ação, com resultados imediatos a muito curto prazo, está a *Redução do Número de Ignições por dia, com intervenção duma ativa Vigilância*.

Referências bibliográficas

- Anónimo (1988). Formação. *Boletim do Serviço Nacional de Bombeiros*, Ano I, n.º 1, outubro, 3-6.
- Boletim/SNB (1988). Campanha de Fogos Florestais/88. *Boletim do Serviço Nacional de Bombeiros*, Ano I, n.º 1, outubro, 7-11.
- Boletim/SNB (1990). Campanha de Fogos Florestais 1990 (FF 90). *Boletim do Serviço Nacional de Bombeiros*, Ano II, n.º 2, setembro, 10-17.

- Boletim/SNB (1991a). Campanha de Fogos Florestais 1990. *Boletim do Serviço Nacional de Bombeiros*, Ano III, n.º 3, abril, 17-21.
- Boletim/SNB (1991b). Campanha de Fogos Florestais/91. *Boletim do Serviço Nacional de Bombeiros*, Ano III, n.º 4, setembro, 20-24.
- Laranjeira, J. A. da P. (1999). A Escola Nacional de Bombeiros-Período entre 1981 e 1992. *Livro de Actas do I Encontro Nacional sobre a História dos Bombeiros Portugueses*, Sintra, 20 Junho, 51 a 84.
- Laranjeira, J. A da P. (2016). Há quem não acredite em incendiários... mas que os Há... Há...!. *Bombeiros de Portugal. Jornal da Liga dos Bombeiros Portugueses*, Edição n.º 361, mês de Outubro, 31 p.
- Monginho, M. H. Qu. (1990). Actividade desenvolvida na Escola Nacional de Bombeiros. *Boletim do Serviço Nacional de Bombeiros*, Ano II, N.º 2, setembro, 3-9.
- Lourenço, L. (2001a). ENB. Um investimento pedagógico que carece de rendibilização prática. *ENB, Revista Técnica e Formativa da Escola Nacional de Bombeiros*, Sintra, n.º 20, 21a 36.
- Lourenço, L. (2001b). Formação dos Bombeiros Portugueses: Passado, Presente e Futuro. *Livro de Actas do "II Encontro Nacional sobre a História dos Bombeiros Portugueses"*. Coimbra, Dezembro, 23 a 48.